



# SINOPSE SINTIUS

Informativo diário do Sindicato dos Urbanitários

12/08/2022



Disponível em nosso site: <https://sintius.org.br>

## Brasileiros precisam fazer bico para complementar renda

Pesquisa do Ipec (Inteligência em Pesquisa e Consultoria) em parceria com o Instituto Cidades Sustentáveis, que aponta que 45% fazem trabalhos extras para complementar a renda, o que corresponde a 70,2 milhões de brasileiros.

A pesquisa ouviu 2 mil pessoas nas cinco regiões do país com mais de 16 anos e de 128 municípios, entre os dias 1 e 5 de abril de 2022. As pessoas que vão atrás de uma renda extra sempre procuram os serviços gerais. Nos últimos 12 meses, 13% dos entrevistados fizeram algum tipo de faxina, manutenção ou até serviços de marido de aluguel.

Em seguida vem a produção de alimentos em casa para venda, com 8% e por último é a venda de roupas e outros artigos para a venda, como fizeram 6% dos brasileiros.

As regiões onde mais pessoas realizaram algum tipo de bico são a região Norte e Centro-Oeste, sendo que quase 48% da população fez algum tipo de bico.

Um dos motivos para o aumento de pessoas realizando bico é o impacto da pandemia. Na reportagem publicado no portal UOL ouviu Martha Regina Cassiano dos Santos, que é recepcionista e moradora do Morro do Urubu, no bairro da Piedade, zona norte do Rio de Janeiro (RJ).

Ela começou a realizar faxina aos finais de semana como oportunidade de bancar os estudos do filho pequeno, de dois anos, e seu próprio curso de radiologia.

“Durante a pandemia, fui procurar um ramo de trabalho e consegui a vaga recepcionista. Mas não tem como sobreviver com um salário de R\$ 1.200, então preferi obter renda extra nos finais de semana fazendo faxina”, afirma Martha.

Essa é a realidade dos brasileiros no Brasil desgovernado.

Saiba mais em: CNTI, sexta-feira 12 de agosto.

## Desemprego cai em 22 estados no segundo trimestre

A taxa de desemprego teve queda em 22 unidades da federação no segundo trimestre de 2022, frente ao trimestre anterior, informou nesta sexta-feira (12) o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Pernambuco teve o maior recuo: menos 3,5 pontos percentuais. Alagoas, Pará, Piauí e Acre também se destacaram, com quedas de cerca de 3 pontos percentuais nos quatro estados, disse o IBGE.

Nas grandes regiões, houve redução da taxa do 1º para o 2º tri, com o Nordeste registrando a maior taxa de desocupação: 12,7%. A região também abriga os três estados com maior índice de desemprego: Bahia (15,5%), Pernambuco (13,6%) e Sergipe (12,7%).

Já as menores taxas foram em Santa Catarina (3,9%), no Mato Grosso (4,4%) e no Mato Grosso do Sul (5,2%). Registraram estabilidade o Distrito Federal, o Amapá, o Ceará, o Mato Grosso e Rondônia.

Os dados integram a Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua). O levantamento retrata tanto o mercado de trabalho formal quanto o informal. Ou seja, são avaliados desde empregos com carteira assinada e CNPJ até os populares bicos.

No Brasil, a taxa de desemprego recuou para 9,3% no segundo trimestre, conforme dados divulgados pelo IBGE no último dia 29. É o menor patamar para o período desde 2015. À época, o indicador estava em 8,4%, e a economia atravessava recessão.

O número de desempregados no país, por sua vez, diminuiu para 10,1 milhões de abril a junho deste ano, em um contexto de menores restrições a atividades econômicas.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, sexta-feira 12 de agosto.

## Batata, cebola e leite têm maiores altas do semestre nos supermercados

No primeiro semestre de 2022, os produtos com as maiores altas de preço em supermercados foram batata, cebola, leite longa vida, feijão e queijo muçarela, segundo pesquisa divulgada pela Abras (Associação Brasileira de Supermercados) nesta quinta-feira (11).

O levantamento leva em conta cesta com 35 produtos definidos como de longo consumo, incluindo alimentos, bebidas, carnes, produtos de limpeza, itens de higiene e beleza. A cesta como um todo acumulou alta de 10,41% entre janeiro e junho de 2022, atingindo R\$ 773,44 em junho.

### Confira os produtos com maiores altas de preços em supermercados, segundo a Abras:

Batata: 55,81%

Cebola: 48,13%

Leite longa vida: 41,77%

Feijão: 40,97%

Queijo muçarela: 36,1%

Também foi destaque o aumento de 13,4% no preço do sabão em pó, entre os produtos de limpeza.

Dos produtos listados pela Abras, as menores variações de preço foram do açúcar e do queijo prato, que aumentaram 0,8%; do arroz, que aumentou de 1,8%; e do pernil, cujo preço caiu 3,8%.

A associação também declarou que, com a alta da inflação sobre os alimentos, os supermercados ampliaram o número de marcas e promoções nas lojas.

Já os consumidores valorizaram embalagens de melhor custo-benefício e marcas próprias do supermercado. Segundo a Abras, os preços são em média 20% a 30% mais baixos do que das principais marcas nas categorias e estão presentes em 34% dos lares.

A associação divulgou ainda que o consumo nos lares encerrou o semestre com alta de 2,2%, anunciando novas projeções de consumo para o ano nos lares brasileiros.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, sexta-feira 12 de agosto.

## Serviços puxam fila na economia, e indústria fica para trás

O setor de serviços mostrou sinais de uma reação mais forte no Brasil até junho, enquanto a produção industrial ficou para trás na lista das atividades que tentam se recuperar dos prejuízos da pandemia.

A avaliação é de economistas a partir de pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Em junho, o volume de serviços cresceu 0,7% e em relação a maio, informou o órgão nesta quinta-feira (11). O resultado colocou o setor em um patamar 7,5% acima do período pré-pandemia (fevereiro de 2020).

É a maior diferença positiva entre os três grandes setores contemplados por pesquisas mensais do IBGE.

O volume de vendas do varejo, por outro lado, caiu 1,4% em junho. Com o desempenho, ficou 1,6% acima do pré-pandemia, segundo o instituto.

Já a produção industrial encolheu 0,4% no sexto mês deste ano. Assim, permaneceu abaixo do nível pré-crise. Está em patamar 1,5% inferior ao de fevereiro de 2020.

"De fato, os serviços estão na dianteira. Até pouco tempo atrás, parte do setor era restringida pela pandemia. Houve um retorno mais forte com o fim das amarras", aponta Rafael Cagnin, economista do IEDI (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial).

A prestação de serviços envolve uma grande variedade de negócios. Reúne desde restaurantes, bares, hotéis, academias de ginástica e salões de beleza, afetados após a chegada da Covid-19, até empresas de transportes e tecnologia.

Cagnin lembra que as parcelas mais ricas da população consomem mais serviços, e esses grupos conseguiram manter uma poupança durante a pandemia.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, sexta-feira 12 de agosto.